Revista de História Comparada
ISSN: 1981-383X
Ano 20 – Edição 20 – Número 01

ALIMENTAÇÃO, MORADIA E MOBILIDADE ENTRE OS INDÍGENAS GUAICURUS EM *EL PARAGUAY CATHÓLICO*, DE JOSÉ SÁNCHEZ LABRADOR SJ. (1770)

Eliane Cristina Deckmann Fleck*

Resumo: Neste artigo, apontamos as potencialidades de investigação da *Parte Tercera* da obra *Paraguay Cathólico*, escrita em 1770, pelo padre José Sánchez Labrador, durante seu exílio na Itália, destacando as descrições e, sobretudo, as avaliações que fez das práticas alimentares e de sociabilidade dos indígenas Guaicurus, bem como de suas moradias e de sua mobilidade pelo território do *Gran Chaco*. Ao descrever a fauna e a flora dos territórios que percorreu como missionário, Sánchez Labrador empenhou-se em registrar sua utilização na construção das moradias, nas terapêuticas curativas, na confecção de vestimentas e, em especial, nas práticas alimentares resultantes das atividades de coleta, caça e pesca deste grupo nativo. Em seus registros, evidenciam-se não apenas representações eurocêntricas e demandas próprias do projeto civilizador da ordem jesuíta, mas também o pragmatismo e o utilitarismo característicos da Ilustração setecentista, que inserem-se no esforço, feito por outros jesuítas exilados, de divulgar as inúmeras potencialidades de exploração da fauna e da flora americana.
Palavras-chave: Flora e fauna americana; Práticas alimentares; *El Paraguay Cathólico*; Guaicurus.

Abstract: In this article, we highlight the research potential of Part Three of the work *Paraguay Cathólico* written in 1770 by Father José Sánchez Labrador during his exile in Italy, focusing on his descriptions and, above all, the assessments he made of the dietary and social practices of the Guaicurus indigenous people, as well as their dwellings and mobility across the *Gran Chaco* territory. In describing the flora and fauna of the regions he traversed as a missionary, Sánchez Labrador endeavored to document their use in housing construction, medicinal therapies, clothing manufacture, and, particularly, the dietary practices stemming from this native group's gathering, hunting, and fishing activities. His records reveal not only eurocentric representations and the imperatives of the Jesuit Order's civilizing mission but also the pragmatism and utilitarianism characteristic of the 18th-century Enlightenment, which are part of the effort, also undertaken by other exiled Jesuits, to publicize the immense potential for exploiting american fauna and flora.
Keywords: American fauna and flora; Dietary practices; *El Paraguay Cathólico*; Guaicurus.

* Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista de Produtividade do CNPq. Possui Graduação em História pela UNISINOS (1984), Mestrado em História pela mesma universidade (1991) e Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (1999).
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7525-3606; E-mail: ecdfleck@gmail.com

Introdução

El Paraguay Cathólico, cuja *Parte Tercera* apresentamos e nos debruçamos neste artigo, permite, não apenas a reconstituição das estratégias de missionação adotadas pelos missionários jesuítas e de seus êxitos ou insucessos, mas, também, a discussão das percepções que estes religiosos tiveram dos saberes e práticas das populações nativas junto as quais atuaram na América platina.[1] Nela, o missionário, encarregado de realizar expedições exploratórias por seus Superiores, com vistas à evangelização dos nativos e à instalação sustentável de reduções, empenhou-se, para além dos registros sobre o relevo, a hidrografia, o clima, a fauna e a flora dos territórios da Província Jesuítica do Paraguai, em descrever as moradias, as vestimentas, as práticas alimentares e curativas, os rituais de passagem e de sepultamento e, ainda, os arranjos relacionados ao casamento, vinculando-as à maneira errante e pouco previdente que os caracterizava.[2]

O autor desta obra – José Sánchez Labrador – nasceu em La Guardia, cidade da região de La Mancha, no dia 19 de setembro de 1714 ou 1717. Ingressou na Companhia de Jesus em 5 de outubro de 1731, de acordo com Ruiz Moreno (1948), ou em 19 de setembro de 1732, segundo Sainz Ollero *et al.*, (1989). Os estudos de Filosofia foram interrompidos em 1734, quando viajou ao Rio da Prata, acompanhando o Padre Antonio Machoni. Nos cinco anos seguintes, estudou Filosofia e Teologia na Universidade de Córdoba, concluindo sua formação no verão de 1739. Entre os anos de 1741 e 1744, atuou como professor na mesma cidade, dedicando-se, concomitantemente, aos estudos de História Natural.[3]

De acordo com seus biógrafos, entre 1747 e 1757, o padre jesuíta atuou junto às reduções de *Yapeyu*, *Trinidad, Jesús, Loreto, San Ignacio Mini, San Ignacio Guazú, San Cosme y San Damián* e *San Lorenzo*, convivendo, assim, com indígenas Guaranis, Zamucos, Chiquitos, Mbayás e Guaicurús. A partir de 1757, passou a atuar em *Apóstoles* (Santos Apóstolos ou Apóstolos São Pedro e São Pablo), tendo como companheiros os padres Lorenzo Ovando e Segismund Asperger, este último, reconhecido por sua atuação como médico e boticário.

---

[1] A obra intitula-se *El Paraguay Cathólico en sus principales Provincias convertidas à la Santa Fe, y vasallaje del Rey de España. Por la predicación de los Misioneros celosos de la Compañía de Jesús* e seus originais manuscritos permaneceram dispersos e inéditos até o século XX.

[2] Estes aspectos, em especial, aqueles relacionados com as percepções sobre a natureza e seus potenciais usos, não foram ainda suficientemente explorados pelos historiadores que têm analisado a obra e privilegiado os registros relativos à evangelização e à civilização dos indígenas que habitavam os territórios do *Gran Chaco*.

[3] Sobre a biografia de José Sánchez Labrador, recomenda-se ver mais em Baptista (2001, v. 4, p. 3492-3493).

Em 14 de agosto de 1767, quando regressava de uma viagem à região de Chiquitos, foi informado do decreto da expulsão dos jesuítas da Espanha e dos territórios ultramarinos.[4] Em 1768, chegou à Itália, se estabelecendo na cidade de Ravena, onde faleceu em 10 de outubro de 1798.[5] Durante o exílio, o jesuíta espanhol dedicou-se à escrita, deslocou-se para cidades próximas e manteve correspondência com outros religiosos exilados, o que possibilitou dirimir dúvidas, retificar ou confirmar suas observações ou memórias das experiências vividas na América.[6]

Para os estudiosos de sua vasta produção, Sánchez Labrador pode ser considerado "un paradigma de toda aquella generación" de missionários jesuítas que atuaram na América platina no século XVIII, não apenas por seu extenso conhecimento da área missioneira, más porque "nada escapó a su curiosidad, desde el clima, la geología, la botânica o la zoologia" (Sainz Ollero *et al.*, 1989, p. 101-102). Durante o exílio, além de ter adotado uma visão científica "en el sentido moderno de la palabra [...] una noción dinámica de las ciencias", e, com um vigor ilustrado, descreveu "la naturaleza como objeto útil y detalladamente clasificable por la investigación", a partir de "una idea clara del progreso en las ciencias" (Huffine, 2005, p. 295 - 297).[7]

---

[4] Os jesuítas foram expulsos das áreas coloniais do Império espanhol em 1767 e suas propriedades foram confiscadas, em cumprimento ao Decreto de 27 de fevereiro, assinado por Carlos III. Sobre a última viagem realizada por Sánchez Labrador em território americano, na Terceira Parte d'*El Paraguay Cathólico*, se lê: "El viaje, que últimamente hice a las Misiones de los indios Chiquitos, puede verse en la segunda parte del *Paraguay Católico*" (Archivo Historico de la Provincia de Toledo de la Compañía de Jesús (AHPTCJ). *Paraguay Cathólico en sus principales Provincias convertidas à la Santa Fe, y vasallaje del Rey de Espa*ña. Por la predicación de los Misioneros Celosos de la Compañía de Jesús (…) Parte Tercera, año de 1770, p. 222, grifo no original).

[5] Os padres do Vice-reinado do Rio da Prata deixaram as reduções entre junho e agosto de 1768. Foram levados em precárias condições para Córsega, de onde foram enviados, em sua maioria, para as cidades de Faenza, Ravena, Brisighella e Ímola. Em uma carta datada de 21 de agosto de 1768, de Puntales (Cádiz), encontra-se uma lista de 150 jesuítas que partiram de Buenos Aires, em uma fragata, chamada de *Esmeralda*. Sánchez Labrador estava citado entre os missionários que provinham da Província do Paraguai (Sainz Ollero *et al*., 1989).

[6] É consenso entre os historiadores que o jesuíta "realizou um dos mais amplos trabalhos sobre a natureza, a geografia e as sociedades da região platina colonial", do que decorrem dúvidas e hipóteses sobre como redigiu tão vasta e detalhada obra, aventando-se que, mesmo que tenha podido levar consigo algumas das anotações feitas na América, a maior parte dos tomos da obra deve ter sido escrita a partir das memórias de suas experiências como missionário e como naturalista em terras americanas (Sainz Ollero *et al.*, 1989, p. 108). Recomenda-se ver mais em Fleck (2021).

[7] Este aspecto pode ser observado, especialmente, no *Paraguay Natural* e no *Paraguay Cultivado.* Em relação ao último, sabe-se que seus quatro tomos tratavam de aspectos relativos às atividades da agricultura e da pecuária praticadas na Província Jesuítica do Paraguai. Isto pode ser confirmado na Introdução do Tomo II da obra *Paraguay Natural*, na qual Sánchez Labrador, ao tratar da distinção entre uma botânica prática e outra especulativa, menciona que: "algunos principios concernientes al cultivo, y labor de las Plantas, más esto se hace como de pajo, *reservando para otra obra, cuyo Primer Tomo, tengo ya escrito, el tratar de propósito de una materia tan importante, la qual se intitula, Paraguay Cultivado*" (ARSI. *Paraguay Natural Ilustrado.* 1772. Tomo II. Introdução: F. Num. I. Grifos nossos).

Estes autores ressaltam, ainda, que as obras deste religioso se inserem, inequivocamente, na categoria de escrita de exílio, pois mais do que "relatar al mundo los éxitos y los sacrificios de los jesuitas como misioneros", se propuseram a "ofrecer nuevos conocimientos relacionados con el saber natural" (Justo, 2011, p. 163). Caracterizam-se, portanto, por integrar "un género particular", por meio do qual os jesuítas exilados se opuseram a um conhecimento produzido sobre o Novo Mundo na Europa da Ilustração, que "carecía del fundamento de la observación y de la experiencia" (Huffine, 2005, p. 279-302), e, especialmente, à "la tesis de la inferioridad de la naturaleza del Nuevo Mundo, avanzada por Buffon y expandida por Cornelius de Pauw en sus *Recherches philosophiques sur les Américains*, publicado en Berlín entre 1768 y 1769" (Viale, 2015, p. 51).[8]

Entre suas principais obras estão *El Paraguay Cathólico* (1770),[9] *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776),[10] que tem alguns de seus tomos já publicados e comentados por estudiosos de sua produção, e *Paraguay Cultivado* (1771-1798).[11] Em relação à obra *El Paraguay Cathólico*, Franz Obermeier (2025, p. 3) a considera como "un documento de mayor envergadura sobre la história de las doctrinas con fuentes históricas a modo de Diarios, imitando así modelos europeos como vemos por ejemplo en la obra de Pierre François

[8] Os padres jesuítas da Província Jesuítica do Paraguai, como também de outras Províncias, repudiavam tais teorias e buscavam, através de seus trabalhos, comprovar que estavam erradas. Sánchez Labrador foi um destes autores que argumentaram contra os cientistas europeus "sugerindo que a vida vegetal e animal da América era saudável, resistente e autosuficiente (...)" (Huffine, 2005, p. 286-287). O destaque que deu às virtudes medicinais e a outros potenciais usos da natureza americana e a contestação das teses de inferioridade defendidas por autores europeus evidenciam a posição que assumiu em defesa da natureza americana. Sobre esta temática, recomenda-se ver mais em: Millones-Figueroa (2005); Asúa (2014) e Fleck (2021).

[9] Partes d'*El Paraguay Cathólico* foram publicadas em 1910 e em 1917, com introdução e apêndices elaborados pelo etnógrafo e linguista argentino Samuel Lafone Quevedo, e, em 1936, pelo historiador jesuíta Guillermo Furlong. Em 2020, Julio Folkenand, após pesquisas em bibliotecas e arquivos europeus, sul-americanos e norte-americanos, reuniu e publicou quatro partes da obra, acompanhadas de um estudo preliminar. Segundo Folkenand, a Parte I, publicada em dois tomos em 1910, corresponderia a apenas parte do *Libro I* e a fragmentos do *Libro II*; a de 1917, contemplaria partes do *Libro III*, e, finalmente, a de 1936, consistiria na publicação do *Libro IV*, que versa sobre os indígenas Pampas, Puelches e Patagones.

[10] Trata-se de Sánchez Labrador, José. *Paraguay Natural Ilustrado. Noticias del país, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes*. Ravena, 1771-1776, manuscrito que pode ser consultado no *Archivum Romanum Societatis Iesu* (ARSI). Sobre os quatro tomos que compõem a obra, recomenda-se ver mais em Molinari (1938); Moreno (1948); Sainz Ollero *et al*. (1989); Martín Martín; Valverde (1985); Asúa (2014), Fleck (2015) e Lavilla, Wilde (2020).

[11] Até recentemente, acreditava-se que o paradeiro da obra *El Paraguay Cultivado* era desconhecido, uma vez que em 1878, o manuscrito havia sido leiloado pela Casa Maisonneuve (ver Sainz Ollero *et al*., 1989). De acordo com Sainz Ollero e seus colaboradores (1989), no catálogo do leilão no qual a obra foi vendida consta que a mesma era composta por quatro partes, a saber: Parte 1: *5 libros De la labranza de las tierras*; Parte 2: *4 libros De las huertas de Arboles;* Parte 3: *1 libro De las hortalizas y legumbres* e Parte 4: *2 libros Jardines y un apêndice curioso de varios términos con varias instrucciones*. Em 2021, partes deste manuscrito foram encontradas na Hispanic Society, de Nova Iorque (EUA). De acordo com Franz Obermeier (2017; 2025), que as localizou, não se pode afirmar categoricamente a data em que *Paraguay Cultivado* foi redigido, embora se saiba que Sánchez Labrador as concebeu interligadas, em um esforço enciclopédico. Sobre o *Paraguay Cultivado*, recomenda-se ver mais em: Gramatke, 2024.

Charlevoix sobre el Paraguay (1756)". Já para Carvalho (2025, p. 138), ela pode ser enquadrada no gênero crônica, a exemplo de outras obras escritas por padres da Companhia de Jesus durante o exílio, nas quais encontramos tanto percepções eurocêntricas e cristãs próprias do projeto evangelizador e civilizador da ordem, quanto evidências da apropriação seletiva do pragmatismo e do utilitarismo característico da Ilustração setecentista.[12]

O historiador jesuíta Furlong (1931)[13] e, mais recentemente, Franz Obermeier (2021; 2025) procuraram reconstituir o sumário d'*El Paraguay Cathólico* e o destino dado às partes manuscritas que o compõem após o falecimento de José Sánchez Labrador SJ.[14] Para Obermeier (2025, p. 19), a estrutura d' *El Paraguay Cathólico* observou "as estruturas administrativas das missões da antiga Província Jesuítica do Paraguai e regiões adjacentes". Já, segundo Furlong (1931, p. 287), a obra considerou as diferentes etnias indígenas contatadas pelo jesuíta, sendo que contava com uma *Parte primera*; uma *Parte segunda* (Indios Mbayás); uma *Parte tercera* (Indios Mbayás); uma *Parte cuarta* (Indios Serranos); uma *Parte quinta* (Indios Chiquitos); uma *Parte sexta* (Indios Guaraníes) e uma *Parte séptima* (Indios Lules, etc.).

Neste artigo, nos valemos da versão manuscrita da *Parte Tercera* d'*El Paraguay Cathólico*, "que contiene las Naciones siguientes: I La de los Eyiguayeguis; II La de los Chanas; Varios viajes, y Diarios, y uma breve notícia de Cuiabá. Escrito por el Padre Joseph Sánchez Labrador. Misionero em la misma Província del Paraguay. Año de 1770" (AHPTCJ,

[12]Para Beatriz Helena Domingues (2009, p. 233), os jesuítas assimilaram "algumas ideias caras à Ilustração – ainda que [de forma] seletiva e católica", razão pela qual se deve relativizar a "abordagem tradicional que atribuiu à Companhia de Jesus uma visão retrógrada e resistente a mudanças, associada à tradição medieval católica e barroca". Assim, apesar de habitarem regiões tidas como marginais no cenário intelectual do século XVIII – áreas consideradas apenas e tradicionalmente como periféricas e receptoras de conhecimentos produzidos em outras partes do mundo –, os padres e irmãos da Companhia de Jesus foram decisivos na produção de novos conhecimentos de História Natural, Medicina e Farmácia, a partir de observações e experiências realizadas com a fauna e a flora americanas e do produtivo diálogo que mantiveram com a ciência e a filosofia modernas. Essa singular posição se traduziu no expressivo número de Histórias Naturais e Matérias Médicas escritas por integrantes da ordem jesuíta, cuja análise permite a reconstituição do conhecimento científico por ela apropriado, difundido e produzido ao longo do século XVII e da primeira metade do século XVIII nos territórios de missão na América. Recomenda-se ver mais em: Millones Figueroa, Ledezma, 2005; Asúa, 2014.

[13]Segundo Furlong (1931, p. 287), a obra contaria com uma *Parte primera*; uma *Parte segunda* (Indios Mbayás); uma *Parte tercera* (Indios Mbayás); uma *Parte cuarta* (Indios Serranos); uma *Parte quinta* (Indios Chiquitos); uma *Parte sexta* (Indios Guaraníes) e uma *Parte séptima* (Indios Lules, etc.)".

[14]Em suas pesquisas, Obermeier (2025, p. 24-25), localizou "um catálogo anônimo de 1876, que lista o material proveniente da biblioteca de San Isidro", no qual encontra-se a seguinte informação sobre a obra *Paraguay Cathólico:* "'encadernado em papelão e um sem capa. Incompleto' (N.N., 1876, 71)". Em 1850, segundo Obermeier, os dois tomos que pertenciam à biblioteca de San Isidro foram encaminhados à biblioteca da Real Academia de História.

1770, p. 2),[15] na qual encontramos relatos de "sua experiência de mais de sete anos como missionário entre os indígenas *Eyigùáyéguis* (também conhecidos como Guaicuru ou Mbayá) no *pueblo* de Belén, província do Paraguai" (Lopes de Carvalho, 2025, p. 160, grifo no original).

Nosso objetivo é o de apresentar os resultados de um estudo ainda preliminar das descrições e percepções de seu autor sobre saberes e práticas destas populações nativas, com destaque para aquelas relacionadas com as formas de moradia, de sociabilidade, de mobilidade e de alimentação – incluindo técnicas e utensílios para obtenção e preparo – dos indígenas Guaicurus,[16] a fim de salientar as potencialidades de investigação da *Parte Tercera* da obra *El Paraguay Cathólico* para a História Social e a História da Alimentação.

"*Nunca más alegres, ni más engalanados de plumas, y pinturas, que cuando el alimento esta abundante, aunque no sobrado*"

Ao descrever as moradias dos Guaicurus, Sánchez Labrador as vincula às constantes expedições que realizavam tão logo escasseavam os alimentos, obrigando-os "a mudar con frecuencia la toldería. *Por esta causa no tienen casas de fundamento, ni cabañas de pasa*. *Sus habitaciones son portátiles, y las arman, o desarman en el paraje*, o que han de dejar, o que eligen para su parada" (AHPTCJ, 1770, p. 89, grifos nossos). Segundo o jesuíta, elas eram feitas de "una especie de Juncos [que] Crecen en orillas de las lagunas, y sitios húmedos, en que se recoge alguna agua. Hay algunos de cuatro varas de largo, y gruesos cuando ya están enjutos como el dedo índice" (AHPTCJ, 1770, p. 89). A confecção das esteiras – que viriam a ser as paredes, os tetos e as portas das moradias – cabia a "las mujeres Guaicurus, y sus criadas" que "Atan las dos extremidades por las puntas de los juncos, haciendo un modo de trencilla, que corre a lo ancho".[17] Concluída esta etapa, os nativos, segundo o jesuíta,

[15]O manuscrito, disponível para consulta no *Archivo Historico de la Provincia de Toledo de la Compañía de Jesús* (AHPTCJ), em Alcalá de Henares, na Espanha, se encontra em excelente estado de conservação e conta com 249 páginas de texto, dois mapas e dezenove ilustrações, que contemplam a flora, a fauna e algumas das práticas nativas que mereceram o registro do jesuíta. Sobre os diários de viagem e a cartografia jesuíta, recomenda-se ver mais em: Barcelos (2013).

[16]Do ponto de vista analítico, optamos pela articulação entre práticas alimentares, formas de moradia e mobilidade dos Guaicurus, considerando que a errância e a imprevidência a eles atribuídas por José Sánchez Labrador na *Parte Tercera* d' *El Paraguay Cathólico* constituem-se em categorias explicativas para o que, quando e como os nativos comiam.

[17]Importante observar que as palavras que aparecem sublinhadas nos trechos que transcrevemos se encontram desta forma no manuscrito original.

> *Levantan unos Postecitos horqueteados de palos delgados, que clavan en el suelo, cuya altura para la cumbrera principal es de tres a cuatro varas. Ya se ve, que sobre ellos ha de descansar la cumbrera, o caballete de la casa, el cual se forma de una caña brava (...). Armada de este modo la trabazón del maderamen de las principales salas, que son las de en medio, atan unas esteras con otras por las cabezas, o por lo más grueso de los Juncos, y con palos las levantan, y tienden sobre la armazón extemporánea. Unas esteras caen a un lado, y otras a otro, y las atan por las puntas delgadas a las vigas bajas; y con esto queda formado el techo principal de las casas. A estas les hacen con otras fileras de postecitos más bajos, y esteras proporcionadas, otras dos viviendas, o como corredores a lo largo. Otras esteras están de prevención, que, en tiempos de vientos, y tempestades sirven de puertas, con que se cierra el toldo (...). De este modo, y con este arte hacer paredes, no levantando, sino bajando los materiales. Cada toldo así fabricado, tiene por lo interior la capacidad a lo ancho de unas diez varas, y a veces doce, y poco menos a lo largo* (AHPTCJ, 1770, p. 89, grifos nossos).

Apesar de descrevê-las como "fábricas muy débiles y [que] juegan con ellas los vientos fuertes", Sánchez Labrador não deixa de ressaltar que "Lo que tienen de bueno es, que resisten suficientemente el agua después, que se empiezan a hinchar con la humedad los Juncos. *Cuando empieza a llover, si los coge secos hay muchas goteras, pero las cogen fácilmente*" (AHPTCJ, 1770, p. 90). A engenhosidade dos Guaicurus é descrita da seguinte forma pelo jesuíta:

> A los lados en que tienen sus camas, ponen por todo el ancho del toldo *unas esteras chicas, como techos primeros, o alares interiores, sobre estas, que son de juncos más finos caen las goteras, y para que no llegasen a caer sobre ellos, las limpian con unos plumeros de plumas de Avestruz, corriéndolos de arriba abajo por las esteras*. *Con esto se aprietan los juncos, y no pasa el agua,* que cae como de las tejas a los pies de las camas. La misma diligencia hace, si es grande el aguacero con las esteras altas, atando los plumeros en unas varas (AHPTCJ, 1770, p. 90, grifos nossos).

Por sua natureza efêmera, "Vistas las casas de los Guaicurus queda poco que registrar de ajuares, y adornos" (AHPTCJ, 1770, p. 89). De acordo com o jesuíta, nelas podem ser encontradas "unas ollas de barro, algo aplanadas (…) *En estas ollas guardan la harina de palma, maíz, cocos, y otras cosas, pues les sirven de cajas, y escritorio*s",[18] e também "una especie de calabazos grandes (…) algunas alforcitas, unas tejidas a pala, y sobre bordados de hilo de varios colores, y otras en forma de red, las cuales les sirven para lo mismo" e que são utilizadas quando "*van a buscar cocos, Palmas, y otras cosas de alimento*" (AHPTCJ, 1770,

[18]Como bem observado por Woortmann (2009, p. 27), os "hábitos alimentares dependem, por certo, das possibilidades e das condições de acesso aos alimentos, o que deriva, em boa medida, da posição ocupada [pelos sujeitos] no processo de produção".

p. 90, grifos nossos).[19] O missionário ressalta, ainda, que "De los postecitos cuelgan sus alfanjes, plumas, y flechas, que tienen reservadas: *y no hay más alhajas en las paredes, que brinden a la curiosidad de los ojos, o hagan ostentación vana*", e que "si ponemos la vista en el suelo, hallaran menor recreo" (AHPTCJ, 1770, p. 90, grifos nossos).

> Crece por medio de ellos la Yerba, poco menos, que, en los prados, aunque el continuo pisarla no le deja levantar cabeza. *En las dos cabeceras de cada toldo, o división igualan la tierra, y ponen encima alguna Yerba, o hojas de Palma, que sirven de colchón, cuya tela tienen barata. Sobre estas ponen unos cueros de venados, ciervos, y ahora de toro, o vaca, y este es estrado, y cama, arropándose, si hace fresco con sus mantas. Entre día suelen arrollar las pieles, o poner encima unas esteras, que sirven para el aseo, y de sentarse. No se busque ni más silla, ni más mesa en estas casas, ni mejor sala para recibir las visitas*. No han dado los Guaicurus en el bello, y cómodo uso de las redes, o Hamacas, ni de otra especie de cama levantada, lo que sin duda condujera mucho para su aseo, y conveniencia (AHPTCJ, 1770, p. 90-91, grifos nossos)

Na continuidade, ele destaca tanto a facilidade com que a higiene das habitações se via comprometida, quanto as medidas que os nativos tomavam para torná-las novamente habitáveis:

> Es cosa natural, que las pieles, que inmediatamente tocan o el suelo, o cosa húmeda, se amohezcan, *y a veces si no tienen cuidado, se pudran, y así suelen exhalar un olor fastidioso. Agregan se otras inmundicias de los chicos, y Aves caseras, que ensucian la casa. Es preciso limpiarla, y para esto los barren de cuando en cuando* (…). Así logran suelo limpio, y ambiente más puro. *En estas ocasiones suelen retejar los techos, y renovar las esteras, que, con los soles, humedad, y vientos (...). Por esta causa no cesan de coser esteras, previniendo con tiempo cosa tan necesaria* (AHPTCJ, 1770, p. 91, grifos nossos).[20]

[19]Algumas páginas adiante, o jesuíta descreve de forma mais detalhada o trabalho realizado pelas mulheres e os utensilios utilizados para armazenamento: "*Hacen ollas, y platos sin torno, pero tan finos, que admiran. Dan les varias figuras, y colores, que los hermosean* (…). *Cuando viajan llevan pellas de barro dispuesto en unas bolsas*, y en las paradas trabajan de alfarería, volviendo a sus casas con algunas ollas, u otras piezas. El color da con la tinta de una piedra, que, amolada sobre otra con un poco de agua, suelta un color encarnado parecido al del bermellón natural. *Con la resina del Palo Santo, les dan listas de un berniz negro muy lustroso, y permanente. De todos estos utensilios hay gran copia de repuesto en los toldos.* No se ve en sus toldos caja de madera, Arca, o Petaca de cuero. Guardan sus cosillas, como son Cuentas, planchitas, Agujas, etc. en las Nalimas (…). Algunas cosas cargan al cuello, que es su mejor faltriquera. Así suelen traer colgadas tijeras, peines, dientes del pez, Palometa, y otras cosas semejantes" (AHPTCJ, 1770, p. 99-100, grifos nossos).

[20]Este registro, mais do que revelar aspectos próprios do projeto evangelizador e civilizador da Companhia de Jesus, está em consonância com as representações eurocêntricas construídas sobre o Outro na Modernidade. Por representações, compreendemos a vinculação entre "as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais". Compreendida a partir dessa perspectiva, a noção de representação não se afasta nem do real nem do social, embora esteja eivada de subjetividades e juízos valorativos (Chartier 2017, p.49-52).

Na mesma página, ele informa o leitor que "Antes que salgamos de las esteras de los Eyiguayegis, *será bien, que demos una ojeada a sus manjares, y formalidad de sus Mesas*" e que seu interesse estava em descrever "el modo que guardan [los alimentos], y lo que los arrastra el apetito de algunas cosas" (AHPTCJ, 1770, p. 91, grifos nossos).[21] De acordo com o jesuíta:

> Dispuesta la comida, si es de harina de las Palmas, la ponen en unas cazuelas, que ellos llaman Ginógo: en ellas se les sirve a los que han de comer. *La mesa es el suelo, sin más manteles, que una piel, o la paja, que en el toldo se cría.* En lugar de cuchara entra una especie de concha angosta, y larga como unos cuatro dedos, a la cual llaman Lapidi. *Con esta comen las Puches, y como no se ensucian las manos, no se las lavan en estas circunstancias. Si la comida es de cosa más sólida, como carne de ciervo, Puerco, o raíces de mandioca, y otras: por chuchillo les sirve el alfanje, si aquel les falta parten en pedazos el manjar, y le cogen inmediatamente con la mano. No hay más tenedor, que los dedos*. *Comen como quien tiene hambre, y con ninguna curiosidad; todos meten las manos sucias en la cazuela* (AHPTCJ, 1770, p. 91-92, grifos nossos).

Em sua descrição, ele destaca a rusticidade dos comportamentos adotados pelos Guaicurus também após o término das refeições:

> *Acabada la mesa una criada, o criado les trae agua para que se laven las manos.* Quien oye eso, presumirá mayor cultura en los Guaicurus, que la que hasta este paso se ha relacionado. Gente, dirá, tan aseada, que después de comer se lava manos, no tiene tan embebida la barbaridad, como se ha dicho. *Véase a lo que se reduce su aguamanos, y acaso esta ceremonia tan admirada en la Asunción, manifestara mayor fondo de rusticidad. En la misma Cazuela en que se les sirvió la comida, o en otra llena de mugre ponen un poco de agua, queda menos limpia que la de fregar; en ella meten las manos; y no decidirá el más advertido, cual ensucia, si el agua a las manos, o estas al agua*. Lo mismo se ha de entender del par de manos, o toalla; no es más que un trapo, tan empapado que causa asco. *Mejor hacen los que para comer el asado, o cocido de carne se valen de platos, ni cazuelas. Ponen le sobre un poco de paja verde o ramas de Palma, o árbol, que tienden, a propósito. Después estas mismas les sirven de toalla, en que se limpian.* Este es todo el asco, que observan algunos Guaicurus de conveniencias. *Otros se ahorran de ceremonias, y comen como les da la gana* (AHPTCJ, 1770, p. 91-92, grifos nossos).[22]

[21]Importante lembrar que não há universalidade no comer, mas, sim, especificidades demarcadas por fatores socioculturais (Maciel; Castro, 2013), que contribuem para pensar o sentido de uma "cultura alimentar", definida como "o conjunto de representações, crenças, conhecimentos e práticas herdadas e/ou aprendidas que estão associadas à alimentação e são compartilhadas pelos indivíduos de uma dada cultura ou de um grupo social determinado" (Contreras; Gracia, 2011, p. 29).

[22]Vale lembrar que a Modernidade se caracterizou por uma excessiva formalização da vida pela sujeição a regras comportamentais, fundamentada na percepção de que "por meio da conduta, dos costumes, das maneiras do vestuário, do porte" definia-se o grau de inserção na "verdadeira cultura". Concomitantemente à uma modificação das sensibilidades vivenciada pelo homem moderno, observou-se a crescente importância da moral e da religião, bem como da educação erudita para a civilidade e o refinamento que "tinham como objetivo elevar os homens acima dos animais", na medida em que a "moderação do corpo, ainda mais que a razão" era o que possibilitava a distinção dos "homens das bestas" (Huizinga, 1924, p. 102). Recomendamos

O missionário acrescenta que "La postura, cuando comen, es de sentados, cruzados, y encogidas las piernas. Algunos se ponen medio recostados (…). *En cuanto a la hora de comer no tienen tiempo; a cualquiera, en que esté dispuesta la comida, la toman*",[23] mas "por lo común empiezan a comer al quererse poner el sol, si no han tenido fortuna en la caza. Si tienen alimento, comen por la mañana, luego que se levantan, y varias veces entre día. Si la comida escasea, ayunan todo el día, y comen de noche, lo que encuentran" (AHPTCJ, 1770, p. 92, grifos nossos).[24]

Ele adverte, no entanto, que "*Cuando tienen que comer, no se acuerdan del día de mañana, ni se apuran para conservar algo* (…)". Após as caçadas, "por lo común la primera diligencia es asar para apagar su hambre los cazadores; lo que sobra traen al toldo, mas (…) *el alimento no llega a ver la Aurora*". As mulheres, contudo, "son de verdad próvidas, y guardan su harina, cocos (…) para repartirlos con sus hijos, y acallarlos cuando por comer lloran" (AHPTCJ, 1770, p. 97-98, grifos nossos).[25]

O jesuíta acrescenta que "*De cuando en cuando van los Guaicurus con sus familias a sitios*, en que hay Palmas a comer (…) *Permanecen un mes* (…) y cuando vuelven a su toldo casi no traen nada. *Toda la providencia se reduce a un plato, o bolsita de harina de dichas palmas, y a algunos pedazos cocidos, o tostados*" (AHPTCJ, 1770, p. 98-99, grifos nossos).[26]

Como se pode constatar, Sánchez Labrador associa as práticas alimentares e de moradia dos Guaicurus – que abarcam as formas de construção e estilo das habitações, bem como o preparo, a ingestão e os rituais de comensalidade – às constantes incursões em busca de alimento, à falta de previdência e de armazenamento e, sobretudo, à "rusticidad de sus

---

ver mais nas obras do sociólogo alemão Norbert Elias e do historiador inglês Keith Thomas, que aportaram importantes contribuições sobre estas questões.

[23]De acordo com Poulain (2004, p. 182), é pelas maneiras à mesa que se produzem as aprendizagens sociais mais fundamentais e, através delas, uma sociedade transmite e permite a interiorização de seus valores. A alimentação, segundo este autor, é uma das formas de tecer e manter os vínculos sociais.

[24]Vale lembrar que o termo "comer", diferentemente de "alimentar-se", implica em um ato social, na medida em que constitui e é constitutivo de "atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações", conforme salientou Carlos Antunes dos Santos (2005, p. 12). Para Santos, o alimento constitui uma categoria histórica, pois carrega vestígios dos padrões de permanências e mudanças dos hábitos e das práticas alimentares, referenciais importantes da cultura humana.

[25]O jesuíta destaca ainda outras habilidades das mulheres Guaicurus: "*Saben dar varios tintes, con los materiales, que abundan en sus tierras.* Amarillo, morado, encarnado, Atabacado, y Negro. *Para esto se valen de varios árboles, de sus cortezas, y de la cochinilla, o Grana, que en las pencas, u hojas de las fuñas se cría en los campos*. Abunda en partes muchísimo esta planta. *A su tiempo recogen los gusanos, y los machacan broncamente.* Por esto, y por qué totalmente ignoran las utilidades del Alumbre, y su uso, no salen especiales, ni muy permanentes los colores" (AHPTCJ, 1770, p. 102, grifos nossos).

[26]Importante lembrar que "as preferências alimentares são, simultaneamente, um dos mais importantes suportes das identidades culturais, bem como um dos instrumentos mais notáveis para a segregação social" (Panegassi, 2013, p. 43).

ingenios" (AHPTCJ, 1770, p. 61, grifos nossos).[27] As críticas às formas indígenas de habitar e de comer e a valorização de práticas introduzidas pelos missionários – tais como o cultivo, a secagem e a estocagem de alimentos – devem ser, no entanto, analisadas considerando a existência de racionalidades alimentares e comportamentais distintas – as ocidentais e as dos Guaicurus – que se manifestam nas concepções de asseio, gosto, desperdício, conservação, abundância e carência observadas ou acionadas pelo jesuíta na *Parte Tercera*.

As menções feitas por Sánchez Labrador à prática da partilha do que resultava das caçadas e coletas nas matas, à confecção de recipientes para a guarda e consumo dos alimentos e ao papel desempenhado pelas mulheres na sua conservação e distribuição evidenciam a existência de uma *gramática moral do comer* – composta por regras sociais, culturais e éticas não escritas, que governavam o que, como, quando e com quem se deveria comer – entre os Guaicurus. Elas permitem, em razão disso, complexificar a noção de imprevidência – categoria moral e econômica que estrutura a narrativa construída pelo jesuíta no manuscrito analisado –, e discutir as razões para que não tenha destacado os significados simbólico-rituais de certos alimentos e as práticas mobilizadas pelos diferentes agentes sociais, sobretudo, a partir de categorias como gênero e faixa etária.

"De peces, muchas especies de Animales silvestres y otros manjares llenó el Criador todo el País"

Sánchez Labrador, no entanto, ressalta reiteradamente a fertilidade das terras do "*País de los Guaycurus*", destacando a diversidade de sua fauna e flora, as quais poderiam oferecer inúmeros recursos alimentares aos nativos:[28]

[27]A estas justificativas se somava a constatação de que "*Miran las cosas con total indiferencia, a excepción del esmero en cuidar sus caballos, su Barbote, y armas*. No es incentivo de su flojedad la propia conveniencia. El verse con familia, que mantener, *no les compele a buscar medios, con que satisfacer a sus naturales obligaciones*" (AHPTCJ, 1770, p. 97, grifos nossos). O jesuíta chega a ressaltar que "*Conocen las enfermedades de sus caballos, mejor que las suyas propias.* Según les dicta su conocimiento, los sangran, sajan los tumores, y los desgusanan con tanto acierto, que por lo común se restablecen. *Si tienen algún caballo maltratado de algún accidente, le visitan con frecuencia, o le arriman al toldo para curarle*" (AHPTCJ, 1770, p. 102, grifos nossos).

[28]Na *Parte Tercera*, são enfatizadas as potencialidades de exploração da flora e da fauna de algumas regiões do *Gran Chaco*, em contraponto com a ociosidade, o desconhecimento e a falta de previdência dos nativos, aspectos abordados na seção anterior do artigo. É preciso, contudo, considerar que o jesuíta fez suas observações a partir de seu conhecimento das práticas alimentares vigentes na Europa do século XVIII, sendo que a alimentação da população pobre europeia baseava-se "essencialmente, nos cereais e no vinho, alguma hortaliça e legumes, entrando alguma carne, peixe ou fruta" (Oliveira, 2010, p. 332-333).

> Toda la tierra, que ocupan los Guaycurus en la orilla oriental del río Paraguay, *además de los frecuentes ríos, está esmaltada de muchas Lagunas de agua perenne*. Los nombres de estas, y sus propiedades quedan ya escritas en los Diarios de la Primera parte. *Es cierto, que les sirven de mucho alivio a los indios las tales Lagunas; que, sobre la bondad de sus aguas, les ofrecen Peces de buen gusto, y de varias especies* (AHPTCJ, 1770, p. 26, grifos nossos).
>
> Todo el goza una amenidad permanente. *Contribuyen a la fertilidad del terreno los muchos ríos, manantiales, y Lagunas, de que se habló antes, que le riegan, y dan vapores, que se forman en rocíos abundantes.* En cualquiera estación del año se ven las campañas vestidas de verdes pastos, matizadas de plantas menores (…) Con particular complacencia se registra el sabio esmero de la Naturaleza (…). *Las orillas de los ríos producen arboles silvestres de varia contextura, y Cañas bravas de desmedida altura* (AHPTCJ, 1770, p. 30, grifos nossos).

O jesuíta afirma, ainda, que os Guaicurus "*tienen varios manjares, que les hacen la provisión, según la estación del Año* (…). El grande río Paraguay, los ríos menores, que en el desaguan, y las Lagunas grandes, son un criadero de pescados. *Pescan se varias especies, y de buen gusto*" (AHPTCJ, 1770, p. 61, grifos nossos). Os peixes mereceram a atenção do jesuíta, que, além de descrevê-los, destacou o sabor de suas carnes e seu preparo para consumo:

> Los más comunes, y más regalados son los que llaman Atepaga, y Achuanaga. *Las dos especies son de bastante cuerpo, aun mayor la segunda. Su carne es mucha, y muy pocas espinas. Asados, y cocidos dan un alimento substancial, y apetecido* (…). El más desmedido Pez, que bastantes veces pescan en el río Paraguay, y *desembocaduras en el de los otros ríos, es el llamado Apopaga* (…). *Su carne es algo dura, y no tan gustosa como la de las especies antecedentes* (…). *Hay otro Pez grande, llamados de los españoles de la Asunción Zurubi, y de los Guaicurus Codoladegabo* (…). La carne es floja, y muy flemosa (…). *El Pez armado es horrible.* Su largor llega a vara, y su grosor al de un muslo (…). Es pez roncador, y da gruñidos con que muestra su enejo (…). *Su carne se tiene por una de las mejores de los pescados del río Paraguay* (…). Bastante parecidos a estos son otros casi del mismo tamaño, que llaman Ayinaga (…). La piel es dura, y de color algo obscura, cuando está escamado. *Parece este pez compuesto de solas espinas, y causa grande molestia el comerle por esta causa, y mal no recompensando la poca substancia de su carne al paladar el trabajo en apartarlas. Sin embargo, agrada a los Guaycurus, que en sus pesquerías le asan, y traen en cantidad a sus esteras, o toldos* (AHPTCJ, 1770, p. 61-62, grifos nossos).

Ele refere, também, as tartarugas, que "no solamente se crían en los ríos, hallan se también en los Bosques, y de concha más hermosa" (AHPTCJ, 1770, p. 63), alertando que "en las mismas selvas nace, y procrea muchísimo una especie de tortugas, muy diversa de las que había en las aguas" (AHPTCJ, 1770, p. 67-68). Na sequência, informa o leitor que não apenas as observou, como também teve contato direto com as que haviam sido capturadas pelos nativos:

> *Los Mbayas gustan mucho de este manjar: abren las con destreza; asan, o cuecen la carne; los huevos meten en una tripa de la misma tortuga, y así los asan, y guisan, saboreándose al comerlos. El Hígado no es inferior al de un Lechoncito en lo grande, y en lo sabroso* (AHPTCJ, 1770, p. 68-69, grifos nossos).

Menciona, ainda, alguns anfíbios,[29] ressaltando que os indígenas os "pescan, y comen con gusto", com destaque para o *Eguagaicho*, que:

> Parece más especie de Gato acuático, que de Puerco. Su habitación es igualmente en las riberas de los ríos, que en las lagunas (…). *Su carne se parece a la del Puerco, y es sabrosa, pero olisquea un poco. Para quitarle este efecto, los infieles luego que la sacan a tierra le chamuscan antes de abrirle, y de este modo se evita el mal olor* (AHPTCJ, 1770, p. 63, grifos nossos).

Maior destaque, no entanto, recebe "El Niogoiyegi (…), que tanto se halla en agua, como en tierra. *Gustan mucho los Guaicurus de su carne, y de sus huevos*. Hace se temer de todos por su ferocidad, y horribles colmillos" (AHPTCJ, 1770, p. 63, grifos nossos). O jesuíta refere, ainda, os usos medicinais de certas partes do corpo de um *Niogoiyegi*:

> *En algo sirve a la restauración de la salud humana, un bruto, cuya braveza, si pudiera, la acabara. Su manteca aplicada como emplasto sobre las llagas, tiene virtud de curarlas.* El omaso seco, y reducido a polvos, sirven estos bebidos contra el mal de Piedra. *Las piedrecitas, que se hallan en su estómago, hechas polvos, y administradas en bebida, son singular remedio contra las piedras, que causan el dolor de los riñones*. *De la virtud Anti dotal de sus colmillos hay mucho escrito* (AHPTCJ, 1770, p. 65, grifos nossos)

Na continuidade, Sánchez Labrador descreve o *Niyaligiyegi,*

> *animal muy parecido al Lagarto* (…). *Su carne es muy blanca, y un buen alimento, aunque algo seco"*, e que "en estos animales se halla *una piedra* / la mayor de una onza / de color blanco; y *que, reducida a polvos, es remedio provechoso en el mal de retención de orina. Los polvos deben tomarse en agua, y en poca cantidad* (AHPTCJ, 1770, p. 67-68, grifos nossos)

O território, segundo o jesuíta, possuía também *"muchas especies de Animales silvestres*; *muchos de los cuales sirven de regalado plato a los que los acosan, y cazan*. No se escapan de su cuidado ni los más bravos, cuya ferocidad, ocultan los Bosques; ni los más veloces, que vuelan, o corren por campañas abiertas" (AHPTCJ, 1770, p. 48, grifos nossos). Dentre estes animais, estavam os cervos, veados, javalis, antas, coelhos, tatus e tamanduás,

[29]Vale lembrar que Sánchez Labrador dedicou um dos tomos do *Paraguay Natural Ilustrado* aos anfíbios, répteis e insetos. Recomenda-se ver mais em: Fleck (2015); Lavilla, Wilde (2020).

cujas carnes *"son muy de su gusto, y los buscan con ansia* (…). *Lo cierto es que es buena, aunque al que no está acostumbrado le olisquea un poco*" (AHPTCJ, 1770, p. 51, grifos nossos).

Quanto à "*especie de Jabalí (...) gustan mucho de su carne los infieles* (…) *es buena, y de famoso gusto para los Guaicurus.* Mas es necesaria la cautela de cortar dicha carne esponjosa luego que muere, porque de no hacerlo, el humor lácteo que contiene corrompe la carne" (AHPTCJ, 1770, p. 51, grifos nossos). Havia, ainda, um *"otro animal, que comen con gusto, llaman Apolicaganag-iguaga* (…) quiere decir, semejante al caballo, porque en su corpulencia llega a igualar a un Potro mediano. (…) *La carne es sabrosa, porque se alimenta de solo Pasto suave*" (AHPTCJ, 1770, p. 52, grifos nossos).

De acordo com Sánchez Labrador, os nativos caçavam também animais menores, *"que con sus carnes les dan sustento, y providencia"*:

> Uno es el que llaman Etaguimagadi. *Este en su magnitud iguala a los conejos de España* (…). *Su carne es de buen nutrimento, y gustosa* (…). *No es esta sola la especie de conejos, que se halla en esta tierra. A otra de color azafranado, y del grandor de una Liebre, llaman Lanagiye.* Es comida muy buena (…) *parece una rata en el tamaño, pero compensa con la suavidad de su carne la pequeñez de su estatura.*
> Otras castas de animales pequeños, a los cuales los españoles nombran Armadillos, y Quirquinchos (…). *El cerne de todas las especies por lo tierno, gordo, y blanco es suave asada, o cocida: su gusto es de lechoncito* (…). Una de estas especies es del grandor de un perro mediano, *y si se caza hay para muchos convidados* (AHPTCJ, 1770, p. 52--53, grifos nossos*)*
>
> *El que más estrago hace en su república es el Bidioni, cuya carne apetecen sobre todo otro manjar los infieles. Yo la he comido con gusto, y es muy semejante a la de Puerco bien cebado* (…). La corpulencia del Bidioni es como la de un Mastín. Tiene la piel gruesa, y cerduda (…). Su común alimento son las hormigas, y los huevos de estas.
> [El Caichoque] *es un animal astuto, y con todas las propiedades de la zorra* (…). *En los pies, y manos tiene unas fuertes, aunque cortas: más con ellas, y los dientes afilados, y cortantes, se defiende, y hace presa en las Gallinas, y otras Aves* (…). *Los Guaicurus comen su carne, y dicen que es gustosa* (AHPTCJ, 1770, p. 53-54, grifos nossos).

Ele, contudo, observa que os Guaicurus "*No son tan aficionados a cazar Aves, como lo son a cazar bestias cuadrúpedas"*, o que se devia ao fato de que

> *muy pocos Pasaros son de su aprecio para la Mesa.* A excepción de las Perdices, a las cuales llaman Etidichodi, y de alguna otra moradora del aire, *ninguna otra les paladea el gusto, por más sabrosa que sea su carne*. *Solamente les arrebatan las atenciones las de vistosas plumas,* por el uso que hacen de estas, vistiendo con ellas

> de vanidad su desnudez, y volando sus débiles cabezas con penachos, y alas ajenas (AHPTCJ, 1770, p. 55, grifos nossos).

Em outra passagem, ele relata como matou – com um tiro de escopeta – a uma ave "*Del género de los que por acá llaman Faisanes*":

> Todo el está vestido de plumas negras muy brillantes, las cuales a uno y otro lado tienen algo de verde vistoso, y en los remates algunas pintas blancas (…). *Su graznido es ronco, y muy alto.* Creímos al principio cuando le oímos en la Reducción, e ignorábamos su origen, que era alguna cosa espantosa, o del río, o de la tierra. *Hasta los indios estaban algo asustados, y con recelo se acercaban al agua, esto me obligó a pasar el río, y descubrir (...) Logre el viaje, y de un tiro de escopeta cayó en tierra el Nayinigiguaga* (…) *La delicadeza de su carne de cualquier modo preparada, a ninguna cede de las Aves europeas, y Americanas, según los inteligentes* (AHPTCJ, 1770, p. 56-57, grifos nossos).

Mas, se, neste registro, a ênfase foi dada ao temor que os indígenas sentiam ao ouvir os sons emitidos pelo *Nayinigiguaga*, em outras passagens, o jesuíta descreve as posibilidades de consumo da carne de certas aves:

> Las orillas de las aguas corrientes, y estancadas están llenas de innumerables especies de Anades, y Patos. *Es muy singular el Pato Neguecaga. Su carne es mucha, gorda, y delicada* (…). El pájaro nombrado Laichacanigo se halla siempre en aguas corrientes. *No es apetecible su carne, que olisquea* (…). En las orillas de las aguas vive también la Ave llamada Eboda. Iguala el grandor de un Pato mediano. Mantiene se de pesca; *y no es mala su carne* (…). *En los Bosques abundan las Gallinetas, y Pavas de muchas especies.* S*e domestican mucho, y son buen alimento.* Las Gallinetas no levantan mucho el vuelo, y de ordinario andan por tierra. *Son también muy sabrosas, pero cuesta cazarlas, por lo intricado de las selvas* (…). *Hay campos, en que se crían en abundancia los Avestruces,* a los cuales llaman Apacanigo, y también Apacachodi. *Gustan mucho de ellos los infieles*, y de verdad, que no escogen mal. *A mi ver su carne puede de competir con la de los mejores Pavos.* Es el Atodi del grandor de un Palomo (…). *Tiene muy poca carne, y de color negruzca* (AHPTCJ, 1770, p. 57-60, grifos nossos).

De acordo com Sánchez Labrador "*Con los manjares, que de ordinario usan los Guaicurus, participan algo de dulces, es imponderable lo que lo dulce les lisonjea el gusto*. Por todo atropellan, si encuentran Napigo, *así llaman a la Miel*, y a todo lo que con ella condice en el gusto suave" (AHPTCJ, 1770, p. 91, grifos nossos)[30]. O jesuíta observou que "Abejas grandes en sus colmenas, no tenía gracia (…) *si cogen un Abejón vivo, le parten por medio cuerpo, y chupan una gotita de miel*, que de la extremidad inferior sale. *Saborean se*

[30] Sobre formas de extração de mel pelos nativos, recomenda-se ver mais em: Rosso (2014); Rosso, Medrano (2013).

con ella repitiendo esta palabra, Liidigi, que significa dulce, y agradable" (AHPTCJ, 1770, p. 92, grifos nossos). O missionário não deixa de ressaltar que:

> *Cuando se les da un poco de Azúcar, se llenan de Jubilo, que explican con sus admiraciones, y se relamen los dedos como si hubieran quedado acitronados. A la Azúcar han puesto este nombre muy expresivo: Napigo neloni: Miel helada, o cuajada*. El Cacique, hombre de edad avanzada, en pedir miel, y Azúcar era tan Niño como los de pocos años. *En una ocasión me hallaba en un toldo apartado de la Reducción más de cincuenta leguas. Presentaron me un poco de Miel, llamé a unos chicos para que se la comieran. Estaba allí el Cacique Epaquini, y se vino con ellos, lo que sentí, porque los dejo sin probarla* (AHPTCJ, 1770, p. 92, grifos nossos).

Ele acrescenta que "*Cuando viajan, si ven algún árbol, que tenga colmena, todo el mundo para, se corta, y comen la miel*, y nunca más bien lograda la jornada" (AHPTCJ, 1770, p. 92, grifos nossos). O mesmo ocorria com os juncos e com os troncos secos de árvores, nos quais "fabrican sus Panales algunas especies de Abejas; otras debajo de tierra en profundidad como le una vara, y otras cuelgan sus colmenas en las ramas de matorrales. *Los Guaicurus se aprovechan con bastante frecuencia de la miel, más para hacer el brebaje, con que se embriagan, que para comerla*" (AHPTCJ, 1770, p. 75, grifos nossos).

Mas, "Si el dulce los engolosina a los Guaicurus, el Tabaco los encanta (…). Tragan el humo, como el dulce, *y puestos en igual carestía de Alimentos, y de tabaco, no piden los primeros, sino el segundo* (…). En sus Borracheras alternan el beber, y el fumar, aumentando así los humos, que los perturban" (AHPTCJ, 1770, p. 92-93, grifos nossos). Para reforçar "la pasión, que tienen por el tabaco", o missionário relata o que ocorreu em uma das reduções em que atuou:

> *Una buena vieja nos visitaba con frecuencia*. Mientras teníamos, socorríamos con hojas de tabaco. Faltó nos en una temporada, *y para contentar a la pobre anciana, le dábamos un polvo de tabaco, para que acallase la nariz a lo menos. Ella, ponía la mano para que le pusiésemos más; lo hacíamos, y quedamos como sorprendidos, al ver, que se lo echó en la boca, y lo trago sin el menor reparo*. Esperábamos una grande revolución en su estómago; *pero nuestra vieja quedó tan serena, como si no le hubiera pasado al estómago.* Repitió esta prueba muchas veces en otros días, no obrando en ella nada la eficacia del polvo del tabaco, que a otros despeña (AHPTCJ, 1770, p. 93-94, grifos nossos).

Algumas páginas adiante, Sánchez Labrador descreve os Eyiguayegis como "*adoradores de la bebida*", sendo que se "Puede sin recelo afirmarse, que los dos ídolos de esta Nación, que ninguna Deidad reconoce, son la Bebida, y el Deleite; partiendo los cultos brutales entre Venus, y Baco". Ele acrescenta que "S*u propensión a la borrachera, más*

parece innata, que con el uso adquirida. Lo único menos malo en sus embriagueces es, que no se ponen furiosos ni entre sí, ni con los extraños. *También que siendo tan inclinados a beber, no preparen otros brebajes, que el de la chicha, o Aloja fuerte de miel de Abejas mal clarificada*" (AHPTCJ, 1770, p. 110, grifos nossos). Quanto ao preparo das bebidas, o jesuíta informa que

> para esto gastan en las prevenciones algunos días. *Lo primero es salir a buscar la miel, que en abundancia hallan en las colmenas, que las Abejas labran en los cóncavos árboles, y debajo de tierra*. La purifican espesamente para separar la cera, y con toda la borra la ponen al sol, o al resistero en unos grandes calabazos. Poco a poco fermenta, y adquiere un gusto picante, bueno para mover más el estómago, que la cabeza. *Todo el tiempo, que gasta en la fermentación, que por lo común son de tres a cuatro días. Tocan un tamborilillo a la entrada del toldo, de que empieza el convite. El son de este instrumento les avisa, y convida*. El día antes, o víspera, los que han de beber se abstienen de toda comida, disponiendo así las cabezas con la flaqueza para que den más presto en tierra, cargada de los humos del Nudagi, o chichas. *Dispuesta la materia, y preparados los cuerpos con el ayuno, empieza la función al querer ponerse al sol, y dura 24. Horas.* Mientras beben los convidados, tocan una corneta, cuyo ronco sonido aturde, y amedrenta (…) (AHPTCJ, 1770, p. 110-112, grifos nossos).

Sánchez Labrador ressalta que, ao serem inquiridos sobre a manutenção da prática das bebedeiras e sobre seus efeitos, os nativos respondiam: "Mis Padres, que gusto puede ser a largársele a uno los dientes / así explican la dentera / ¿y quedar enfermos por algunos días? *Mejor es comer la miel dulce, que beberla agría, y desabrida*" (AHPTCJ, 1770, p. 113, grifos nossos).

Em um destes relatos, o jesuíta não deixa de mencionar que, apesar do estado de tensão e penúria que caracterizava as incursões pelo território e os contatos com os nativos e que forçava os missionários, "*a la economía de contar al medio día, y a la noche unos granos de maíz, para que nos durase este pan de cada día, que con un poco de carne era todo el alimento*" (AHPTCJ, 1770, p. 184, grifos nossos), as terras "*claman por gente que las cultive* (…) *hay manantiales, y arroyuelos, que corren al río*. Hallase tierra buena para hacer Tejas, Ladrillos, ollas, y cántaros. *El agua es buena* (…). *En el río hay bastante pesca* (…)" (AHPTCJ, 1770, p. 155, grifos nossos). Sánchez Labrador exalta "*la belleza de un País tan extenso, y que ofrece cuantas conveniencias pueden apetecerse para pasar la vida con quietud, y abundancia*", no entanto, "está poblado de un Gentío, que apenas aprecia sus calidades sobresalientes" e por uma "*Nación que no entiende de trabajar en sementeras,* ni aun conoce las más de las frutas silvestres, que espontáneamente la naturaleza les ofrece en los árboles de las selvas" (AHPTCJ, 1770, p. 79, grifos nossos).

Por esta razão, segundo Sánchez Labrador, "No perdíamos ocasión de *hablar a los indios ponderándoles las utilidades, que les acarrearía la labor de la tierra*" (AHPTCJ, 1770, p. 164, grifos nossos). Ressalta que "desde el principio llevamos de previdencia, Cañas de Azúcar, Mandioca, y algunos sarmientos", no entanto, "Nos faltaban animales, con que labrar la tierra; dispuso es un buen pedazo de terreno a mano, y plantamos la Caña, y Mandioca. Una, y otra planta multiplicó con el tiempo como en proprio suelo", sendo que estas pequenas roças foram "*de grande alivio para los infieles. Con unas raíces de Mandioca entretenían el hambre a temporadas, y con la caña dulce contentábamos a los Niños*" (AHPTCJ, 1770, p. 156-157, grifos nossos).

Passados alguns anos, são inúmeros os registros de "*sementeras de maíz, frijoles, sandías, y calabazas*" e de plantações de arroz, cana de açúcar, batatas, mandioca, algodão e, ainda, de outros que mencionam a exploração de tabaco, erva-mate e algarroba com fins comerciais e as tentativas de plantio de laranjeiras e, especialmente, de videiras, pois "*Nuestro empeño en esta planta era no hallarnos sin vino para celebrar la Misa*" (AHPTCJ, 1770, p. 156, grifos nossos). De acordo com o jesuíta, os anteriormente imprevidentes Guaicurus

> *Después, que entraron en cultivar la tierra, se vio que tienen cabeza para conservar lo que les producía aquella. Secaban con esmero las raíces de mandioca, las calabazas, y granos, y las guardaban como gente próvida*. *Con mucho aseo cocían en agua las calabazas enteras*. Cuando estaban algo blandas, los sacaban, ponían sobre una estera, y corta bolas dos puntos, la del pezón, y la opuesta. Sacaban toda la semilla, que recogían en grandes cazuelas. Después ponían a secar al sol las calabazas (…). *De este modo las guardaban sin riesgo de perderlas, por la humedad, o lluvias. De las semillas se aprovechaban algunos días: cocían la porción suficiente, la molían, y después espesaban al fuego en cazuela*. Salía una horchata entre sólida y liquida gustosa. A *este modo las mujeres prevenían lo necesario para sus casas en otras cosas de sus sementeras*. No podían llevar con paciencia, que nosotros arrojásemos algunas calabazas, millones, o sandias, que se pasaban, o podrían. Nos cargaban de falta de entendimiento en dejar perder lo que había costado sudores, y fatigas. *Es cierto, que miraban con amor los frutos de su trabajo, y con enojo lo que les parecía desperdicio. Esto nos consolaba, y esperábamos introducir en sus casas una racional economía* (AHPTCJ, 1770, p. 98, grifos nossos).

A introdução de uma "*racional economía*" pode ser também observada neste registro em que o jesuíta menciona o atendimento das necessidades familiares e a constituição de excedentes destinados ao comércio:

> Como las mujeres saben manejar el fuso, y la rueca, nos valimos de este medio para hacer, que hilaran y tejieran con más anhelo. *Las repartíamos por cuenta, y peso el Algodón en copo, ofreciéndoles, que la mitad del hilo sería para que se hiciesen su*

> *ropa. Hilaron con empeño, y tejieron sus mantas, vistiéndose todos*. Lo que no causó mucho consuelo, fue la fidelidad con que traían el hilo, que dejaban en nuestras chozas, y guardábamos con el nombre de hilandera hasta que completaba lo suficiente para vestirse, *y otro tanto que quedaba de reserva*. *Muchas en sus sementeras, según las industriamos, tenían bastantes mantas de Algodón, con que suplían las necesidades. Con esto lograban también tejer algunas mantas para sus hijos, y para celebrar con los españoles contratos* (AHPTCJ, 1770, p. 103, grifos nossos).

O jesuíta identificou também outras formas de utilização das terras, que não aquelas relacionadas exclusivamente com o cultivo, e, a 10 de janeiro de 1762, fez o seguinte registro:

> (…) después de Misa pasé el río Ipané, o Guarambaré, y como a las ocho y media empezamos a caminar por la banda del Sur del mismo. La tierra, que se acerca al Ipané es baja, y con mucho bosque (…). *Acabadas las cañadas salimos a una hermosa Loma, con buenos campos a todos lados. Pareció capaz de mucho ganado, y efectivamente aquí se mudó después la Hacienda* (…) (AHPTCJ, 1770, p. 194, grifos nossos).

Escrita durante o exílio em Ravena, a *Parte Tercera* do *Paraguay Cathólico* evidencia não apenas o empenho de seu autor em destacar as estratégias de missionação adotadas junto aos nativos e em apontar seus êxitos ou insucessos, mas, também, a adesão ao pragmatismo e ao utilitarismo característicos da Ilustração, que fundamentam o esforço feito pelos jesuítas exilados em seus argumentos contra a tese da inferioridade da natureza e das gentes do Novo Mundo e, sobretudo, na identificação das inúmeras possibilidades de exploração de seus territórios e, em especial, de sua fauna e flora.

Considerações Finais

Ao longo das seções que compõem o presente artigo, e com o objetivo de apontar as potencialidades de investigação da *Parte Tercera* d'*El Paraguay Cathólico en sus principales Provincias convertidas à la Santa Fe, y vasallaje del Rey de España*, escrita por José Sánchez Labrador, em 1770, destacamos as descrições e as percepções valorativas que este religioso registrou sobre a fauna e a flora da região do *Gran Chaco*, em especial daquelas vinculadas às práticas alimentares, de mobilidade, de sociabilidade e de moradia dos indígenas Guaicurus.

Nos registros feitos pelo missionário, evidenciam-se não apenas representações eurocêntricas e prerrogativas do projeto evangelizador e civilizador da ordem jesuíta, como também o pragmatismo e o utilitarismo característico da Ilustração setecentista, que se insere no esforço feito por outros jesuítas exilados de argumentar contra tese da inferioridade

natureza e das gentes do Novo Mundo e, sobretudo, de apontar para as inúmeras possibilidades de aproveitamento de sua fauna e flora. Em razão disso, concomitantemente às avaliações negativas e até condenatórias de certas práticas e condutas nativas, encontramos inúmeros registros de roças de milho, feijão, melancias, abóboras, arroz, cana de açúcar, batatas, mandioca, algodão e outros que mencionam a exploração de tabaco, erva-mate e algarroba com fins comerciais e as tentativas de plantio de laranjeiras e, especialmente, de videiras, uma vez que "nosso empenho no plantio desta planta era o de não ficarmos sem vinho para celebrar a Missa" (AHPTCJ, 1770, p. 156).

São também valiosas as informações sobre atividades extrativistas e técnicas adotadas na coleta, na caça e na pesca, bem como sobre o preparo e ingestão de alimentos e sobre os modos de comer, incluindo apreciações sobre o asseio e os utensílios utilizados tanto para o armazenamento, quanto para o consumo. Constatou-se que o jesuíta não apenas vinculou as práticas alimentares adotadas pelos Guaicurus a estas atividades ocasionais ou sazonais de obtenção de alimentos, como também às suas práticas de moradia, que são descritas como efêmeras e frágeis, por estarem condicionadas à sua movimentação pelos territórios. Em razão disso, categorias como comer, habitar e circular pelo território do *Gran Chaco* foram mobilizadas de forma indissociável nas observações que o jesuíta faz dos Guaicurus, contribuido para reiterar a necessidade da introdução da agricultura e da pecuária e do armazenamento de alimentos, tidas como práticas de uma economia racional.

Para Sánchez Labrador, os Guaicurus passavam "los días en un total descuido de lo necesario, y en cosas frívolas, sufriendo los rigores de la necesidad sus familias" (AHPTCJ, 1770, p. 97, grifos nossos) e que "Nunca más alegres, ni más engalanados de plumas, y pinturas, que cuando el alimento esta abundante, aunque no sobrado" (AHPTCJ, 1770, p. 61, grifos nossos). Além disso, o missionário registrou que "cuando se consideran atormentados del hambre (…) con sus pinturas entretienen el tiempo, y los ácidos del estómago" (AHPTCJ, 1770, p. 96, grifos nossos), sendo que "no alteran fácilmente sus prácticas", custando muito "a los Misioneros hacer que dejen aquellas que no se componen con las máximas cristianas (…) *Con gente tan bárbara no se consigue todo de golpe, ni aun tiempo*" (AHPTCJ, 1770, p. 97, grifos nossos). Observa-se, portanto, que as apreciações críticas das práticas alimentares dos Guaicurus funcionaram claramente como argumento civilizatório, pedagógico e político na narrativa de José Sánchez Labrador.

Os registros feitos pelo jesuíta na *Parte Tercera*, no entanto, revelam, ainda, que os missionários, a despeito dos insucessos em várias de suas tentativas de evangelização, das secas, das torrenciais chuvas, dos ataques de grupos nativos rivais e dos "insectos malignos [que atacavam] las huertas" (AHPTCJ, 1770, p. 78, grifos nossos), dedicaram-se a demonstrar aos nativos quais seriam os mais adequados aproveitamentos da flora e da fauna dos territórios em que missionavam. E, sobretudo, empenharam-se em incentivá-los a aderirem à agricultura e à pecuária e a adotarem "*reglas de un buen orden doméstico, y económico*", a fim de combater aquilo que os missionários percebiam como "*su innata ociosidad*" para, desta forma, garantir o êxito do processo civilizatório e assegurar a sustentabilidade das reduções mantidas pela Companhia de Jesus na Província do Paraguai (AHPTCJ, 1770, p. 97, grifos nossos).

A sistematização que realizamos dos relatos feitos por Sánchez Labrador nesta parte d' *El Paraguay Cathólico* evidencia, portanto, sua inegável contribuição para pesquisas em História Social e em História da Alimentação, por contemplar descrições e avaliações sobre atividades e técnicas – produtivas ou rituais – e sobre saberes nativos relativos ao aproveitamento da abundante e diversificada fauna e flora americana.

Referências

ARCHIVO HISTÓRICO DE LA PROVINCIA DE TOLEDO DE LA COMPAÑÍA DE JESÚS (AHPTCJ). **Paraguay Cathólico en sus principales provincias convertidas à la Santa Fe…** Parte terceira, 1770. Manuscrito.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU (ARSI). **Paraguay Natural Ilustrado…** 4 tomos. 1771-1776. Manuscrito.

ASÚA, Miguel de. **Science in the vanished Arcadia: knowledge of nature in the Jesuit missions of Paraguay and Río de la Plata.** Leiden; Boston: Brill, 2014.

BAPTISTA, João. José Sánchez Labrador. *In*: O'NEILL, Charles; DOMÍNGUEZ, Joaquín María (eds.). **Diccionario histórico de la Compañía de Jesús.** Madrid: Universidad de Comillas, 2001. v. 4, p. 3492-3493.

BARCELOS, Artur. **O mergulho no Seculum**. Porto Alegre: Editora Animal, 2013.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. José Sánchez Labrador… **Intellèctus**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 160-184, 2025.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

DOMINGUES, Beatriz Helena, **Tão longe, tão perto: a Ibero-América e a Europa Ilustrada.** Rio de Janeiro: Museu da República, 2009.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Paraguay Natural Ilustrado by José Sánchez Labrador SJ: Between the American Experience and Exile. **Journal of History of Science and Technology**, v. 15, p. 121-148, 2021.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. **As artes de curar em um manuscrito jesuítico inédito do Setecentos.** São Leopoldo: Editora Unisinos; Oikos, 2015.

FURLONG, Guillermo. La enciclopedia rioplatense de J. Sánchez Labrador. **Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueología**, Montevideo, n. 5, p. 236-307, 1931.

GRAMATKE, Corinna. Huerto y Parayso… *In*: THUN, Harald; OBERMEIER, Franz (eds.). **Fontes Americanae**. Kiel: Westensee-Verlag, 2024. p. 291-318.

HUFFINE, Kristin. Raising Paraguay from decline… *In*: MILLONES FIGUEROA, Luiz; LEDEZMA, Domingo (eds.). **El saber de los jesuitas**. Madrid: Iberoamericana, 2005. p. 279-302.

HUIZINGA, Johan, **O declínio da Idade Média**, Lisboa: Odisséia, 1924.

JUSTO, María Soledad. Paraguay y los debates jesuíticos… *In*: WILDE, Guillermo (ed.). **Saberes de la conversión**. Buenos Aires: Editorial SB, 2011. p. 155-174.

LAVILLA, Enrique O.; WILDE, Guillermo. **Los anfibios y reptiles de El Paraguay Natural Ilustrado…** Tucumán: Fundación Miguel Lillo, 2020.

MACIEL, Maria Eunice; CASTRO, Helisa Canfield de. A comida boa para pensar… **Demetria**, v. 8, supl. 1, p. 321-328, 2013.

MARTÍN MARTÍN, Carmen; VALVERDE, José Luis. **La farmacia en la América colonial**. Granada: Universidad de Granada, 1985.

MILLONES FIGUEROA, Luiz; LEDEZMA, Domingo (eds.). **El saber de los jesuitas**. Madrid: Iberoamericana, 2005.

MOLINARI, José Luis. Sánchez Labrador y su contribución… **Revista Médica Latinoamericana,** n. 277, p. 49-57, 1938.

MORENO, Aníbal Ruiz. **La medicina en el Paraguay Natural…** Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 1948.

OBERMEIER, Franz. La enciclopedia rioplatense del jesuita José Sánchez Labrador… **IHS. Antiguos Jesuitas en Iberoamérica**, v. 12, p. 1-47, 2025.

OBERMEIER, Franz. Eine jesuitische Enzyklopädie… **Auskunft**, v. 37, n. 2, p. 307-325, 2017.

OLIVEIRA, Ricardo Pessa de. Para o estudo da alimentação no século XVIII… **Revista de História da Sociedade e Cultura**, n. 10, p. 319-333, 2010.

PANEGASSI, Rubens Leonardo. **O pão e o vinho da terra**. São Paulo: Alameda, 2013.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologias da alimentação**. Florianópolis: UFSC, 2004.

ROSSO, Cintia. Una aproximación a la cuestión de la alimentación… **Folia Histórica del Nordeste**, n. 22, p. 65-87, 2014.

ROSSO, Cintia; MEDRANO, Celeste. Alimentación de los grupos mocovíes… **Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología**, v. 1, n. 1, p. 46-59, 2013.

SAINZ OLLERO, Héctor *et al.* **José Sánchez Labrador y los naturalistas jesuitas del Río de la Plata**. Madrid: MOPU, 1989.

SÁNCHEZ LABRADOR, José. **El Paraguay Cathólico**. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910. v. 1-2.

SÁNCHEZ LABRADOR, José. **El Paraguay Cathólico**. Buenos Aires: Comp. Sud-Americana de Billetes de Banco, 1917. v. 3.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A alimentação e seu lugar na História… **História: Questões & Debates**, n. 42, p. 11-31, 2005.

THOMAS, Keith. **O homem o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800).** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VIALE, Adrián. Comentário bibliográfico… **Rey Desnudo: Revista de Libros**, v. 4, n. 7, p. 49-55, 2015.

WOORTMANN, Klaas Axel A. W. O sentido simbólico das práticas alimentares. *In*: ARAÚJO, Wilma Maria Coelho; TENSER, Carla Márcia Rodrigues (org.). **Gastronomia: cortes & recortes.** Brasília: Senac, 2009. p. 23-55.

Recebido: 01/03/2026

Aprovado: 25/08/2026